

Análise Comparativa das Atitudes em Relação aos Testes

CARLOS ALVES MARQUES (*)
LUÍSA SEVINATE FREITAS (**)

1. INTRODUÇÃO

Ciclicamente, os profissionais da Psicologia questionam-se sobre o futuro dum dos instrumentos por si mais utilizados: os testes. A resposta a esta questão depende em larga medida da utilidade sentida pela sociedade, pelos resultados empiricamente demonstrados por profissionais e investigadores, mas também das atitudes dos psicólogos em relação à utilização dos testes nos seus diferentes contextos de aplicação.

Com vista a apurar as atitudes dos psicólogos portugueses em relação aos testes, em Maio de 1989, através do Sindicato Nacional dos Psicólogos, foi enviado a 975 psicólogos a tradução portuguesa do questionário que serviu de base ao estudo coordenado por Poortinga et al. (1982) em seis países europeus.

O recurso a um questionário já utilizado noutros países possibilita uma mesma grelha de análise e consequentes análises comparativas.

Em termos gerais e históricos, as atitudes dos psicólogos em relação aos testes têm oscilado entre duas posições extremas: as caracterizadas pela sua defesa intransigente assente nas suas boas intenções científicas e sociais (v.g. Binet) e as de denúncia e crítica cerrada, essencialmente baseadas em critérios teóricos e sociais (v.g. Tort).

Da análise realizada por vários autores das atitudes dos psicólogos em relação aos testes no período do pós-segunda guerra mundial, podem distinguir-se dois grandes conjuntos de críticas: (1) O primeiro conjunto de críticas dirige-se contra as frequentes interpretações subjectivas dos resultados de muitos dos testes. Mantendo-se válido este conjunto de críticas para algumas provas de avaliação psicológica (vidé Técnicas Projectivas), elas começaram a ser essencialmente dirigidas em relação à aplicação de provas com qualidades psicométricas duvidosas. A nível mundial, desde os finais dos anos 50, os autores tendem a justificar a aplicação de testes com base em requisitos psicométricos, tais como coeficientes de validade e fidelidade. (2) O segundo conjunto de críticas apareceu nos Estados Unidos da América durante os anos 60, chegando à Europa nos anos 70: «os testes são maus em si mesmo», «os testes discriminam alguns grupos», «os testes discriminam-me sistematicamente»... é o movimento anti-teste. Ficaram famosos na história dos testes os processos judiciais ocorridos nos EUA: do grupo de sindicalistas que se sentia abusivamente preterido pelo uso de testes (atribuição de intenções não provada em tribunal) ou do estudante inicialmente impedido de entrar na Universidade com uma nota mais elevada que membros de grupos minoritários para quem tinham sido criadas aferições étnicas específicas visando facilitar o seu ingresso no ensino superior.

(*) Professor Auxiliar, ISPA. Director da UIPOG.

(**) Psicóloga.

Hoje em dia, a controvérsia relativa aos testes processa-se num contexto mais tranquilo. Os estudos realizados ao longo do tempo têm permitido delimitar com mais rigor as vantagens e inconvenientes dos testes e nos meios científicos é difícil encontrar detratores ou defensores da aplicação de todo o tipo de testes a todos os tipos de situações.

Quer da análise dos resultados obtidos nos seis países europeus no inquérito coordenado por Poortinga et al. (1982), quer dos resultados obtidos na Irlanda (Porteous, 1986), quer neste inquérito realizado em Portugal, conclui-se que a maioria dos psicólogos, mesmo aqueles que nunca os utilizam, tem uma atitude positiva em relação à aplicação de testes.

2. AMOSTRA

Dos 975 questionários expedidos, foram devolvidos 142 (i.e. 14,6%), dos quais, por razões de vária ordem, só foram considerados 120 para análise de resultados.

Em relação ao estudo de Poortinga e al., a baixa percentagem obtida em Portugal é idêntica às obtidas na Bélgica, Inglaterra e Espanha, países em que a adesão foi relativamente baixa, nomeadamente quando comparada com a Holanda e Suécia, onde mais de metade dos inquiridos devolveram os questionários devidamente preenchidos.

3. RESULTADOS

Foi solicitado aos inquiridos para indicarem as áreas em que desempenham a sua actividade profissional, sendo assinalada toda a categoria que envolva mais de 10% do tempo de trabalho.

As áreas profissionais mais representadas na amostra são a Psicologia Clínica, Psicologia Educacional, Psicologia do Trabalho e Psicologia Organizacional (Quadro 1).

4. APLICABILIDADE DOS TESTES

Os itens, cujas respostas são apresentadas no Quadro 2, foram aqueles que conseguiram um maior número de informações sobre as atitudes dos psicólogos em relação à utilização

QUADRO 1

Percentagens relativas às áreas profissionais dos inquiridos (os totais excedem 100%, já que os inquiridos marcaram uma área profissional sempre que esta o ocupasse mais de 10% do tempo de trabalho)

Psicologia Clínica	38
Psicologia do Desenvolvimento	5
Psicologia Educacional	30
Psicologia Experimental	1
Psicologia do Trabalho	25
Psicologia Organizacional	23
Psicologia Social	5
Outras	13

dos testes.

Aos inquiridos era solicitado que preenchessem cada uma das 20 casas do quadro com um dos valores possíveis da escala de 0-5, segundo o grau de importância dos quatro tipos de testes quando aplicados nas cinco situações profissionais indicadas.

Da leitura do Quadro 2 conclui-se: (a) Os *Testes de Conhecimento* são considerados pouco úteis nas situações de Avaliação da Eficácia de Terapia e de Diagnóstico Clínico, acontecendo o contrário nas restantes situações; (b) A estimativa anterior repete-se em relação aos *Testes de Aptidão*, no entanto a média obtida nas situações de Recolocação de Pessoal, Selecção e Orientação Escolar e Profissional são das mais elevadas de todo o Quadro, i.e. nestas situações os testes de aptidão são considerados como muito úteis; (c) Os *Questionários de Personalidade* são considerados úteis em todos os tipos de situações de aplicação abordadas, ainda que com médias pouco elevadas; (d) As *Técnicas Projectivas* apresentam valores abaixo da média nas situações de Recolocação e Selecção de Pessoal e acima dela nas restantes três situações, no entanto, a sua utilidade é mais consensual na situação de Diagnóstico Clínico.

Para estabelecer uma comparação com os seis países do estudo de Poortinga et al. (1982) construiu-se a Figura 1, onde são apresentados os gráficos de cada país com as respectivas médias gerais do item.

Da análise da Figura 1 pode concluir-se que

QUADRO 2

Médias da importância estimada de quatro tipos de testes quando aplicados em cinco tipos de situações

Cotação:

- 0 — testes que não devem ser utilizados em situação alguma
- 1 — testes que podem ser utilizados para recolher informação útil em pelo menos 10% dos casos
- 2 — testes que podem ser utilizados para recolher informação em aproximadamente 25% dos casos
- 3 — testes que podem ser utilizados para recolher informação útil em aproximadamente 50% dos casos
- 4 — testes que podem ser utilizados para recolher informação útil em aproximadamente 75% dos casos
- 5 — testes que podem ser utilizados para recolher informação útil em mais de 90% dos casos.

	Testes de Conhecimento	Testes Aptidão	Questionário Personalidade	Técnicas Projectivas
Avaliação Eficácia de Terapia	0.68	1.06	2.80	3.29
Diagnóstico Clínico	1.16	1.93	3.58	4.05
Recolocação Pessoal	3.39	3.99	2.95	2.02
Seleção	3.75	4.29	3.38	2.40
Orientação Escolar Profissional	3.10	4.29	3.46	2.63

o perfil e média geral mais próximos dos verificados em Portugal são os dos psicólogos espanhóis. Na amostra de países europeus considerados, os psicólogos ibéricos são os que demonstram atitudes mais positivas em relação à utilidade dos testes.

Na Figura 1 pode também constatar-se o carácter mais controverso das Técnicas Projectivas, nomeadamente nos casos da Holanda e Inglaterra. Os Testes de Aptidão aparecem como os de utilidade mais consensual nas cinco situações consideradas.

5. TIPOS DE OBJECÇÕES EM RELAÇÃO AOS TESTES

Foi pedido aos inquiridos para classificarem quatro tipos de Objecções em relação aos Testes (teóricas, psicométricas, decisórias e sociais e éticas) segundo uma escala de 4 pontos (0-3).

Para cada tipo de objecções, o questionário apresentava vários exemplos.

No Quadro 3 são expressas as percentagens para cada tipo de objecções.

Em Portugal, tal como aconteceu nos outros países com uma excepção, a categoria mais escolhida em relação aos quatro tipos de objecções traduz-se por: «apesar de todas estas objecções, os testes visam apurar informações úteis».

O país excepção é a Suécia, onde em relação às objecções sociais e éticas a categoria «considerando todas estas objecções, a utilização dos testes está severamente limitada» obteve uma percentagem de 53%.

Como o estudo das posições extremas pode ter interesse numa análise mais fina das objecções em relação aos testes, na Figura 2 apresentam-se os gráficos representativos das percentagens de respostas para as classificações 0 e 3 a que correspondem respectivamente objecções fortes e objecções fracas.

Ao contrário de países como a França, Espanha e Suécia, Portugal não apresenta índices elevados para a classificação 0 nas objecções sociais e éticas.

Com excepção da Suécia, todos os países, incluindo Portugal, obtêm percentagens para as objecções fracas que são pelo menos o dobro das percentagens das objecções fortes.

QUADRO 3
Percentagens relativas aos quatro tipos de objecções

	Objecções Teóricas	Objecções Psicométricas	Objecções Decisionais	Objecções Sociais/Éticas
Os testes nunca deveriam ser utilizados	4	3	5	3
A utilização está severamente limitada	11	18	16	30
Os testes visam apurar informações úteis	64	63	55	46
As Objecções são infundadas	21	16	24	21

6. INTUIÇÃO *VERSUS* MEDIDA OBJECTIVA

O questionário solicitava aos psicólogos para se definirem em termos de visão ideográfica por oposição a uma visão nomotética. Esta questão foi representada sob a forma de um *continuum* de cinco afirmações com características extremamente ideográficas até extremamente nomotéticas, a que correspondem pontuações de 1 a 5. O valor médio desta questão (3.0) corresponde à afirmação: «Um Psicólogo deve fazer uso tanto da sua intuição em relação ao comportamento como dos resultados obtidos através dos instrumentos de medida objectivos.»

Como se pode verificar pelo Quadro 4, em todos os países, incluindo Portugal, foram atin-

gidas médias próximas do valor médio da escala, com excepção da Suécia onde é privilegiada a intuição.

7. OCUPAÇÃO COM TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO

Para poder avaliar a percentagem de tempo ocupado pelos inquiridos em tarefas de investigação, foi-lhes solicitado que se situassem nas categorias expostas no Quadro 5.

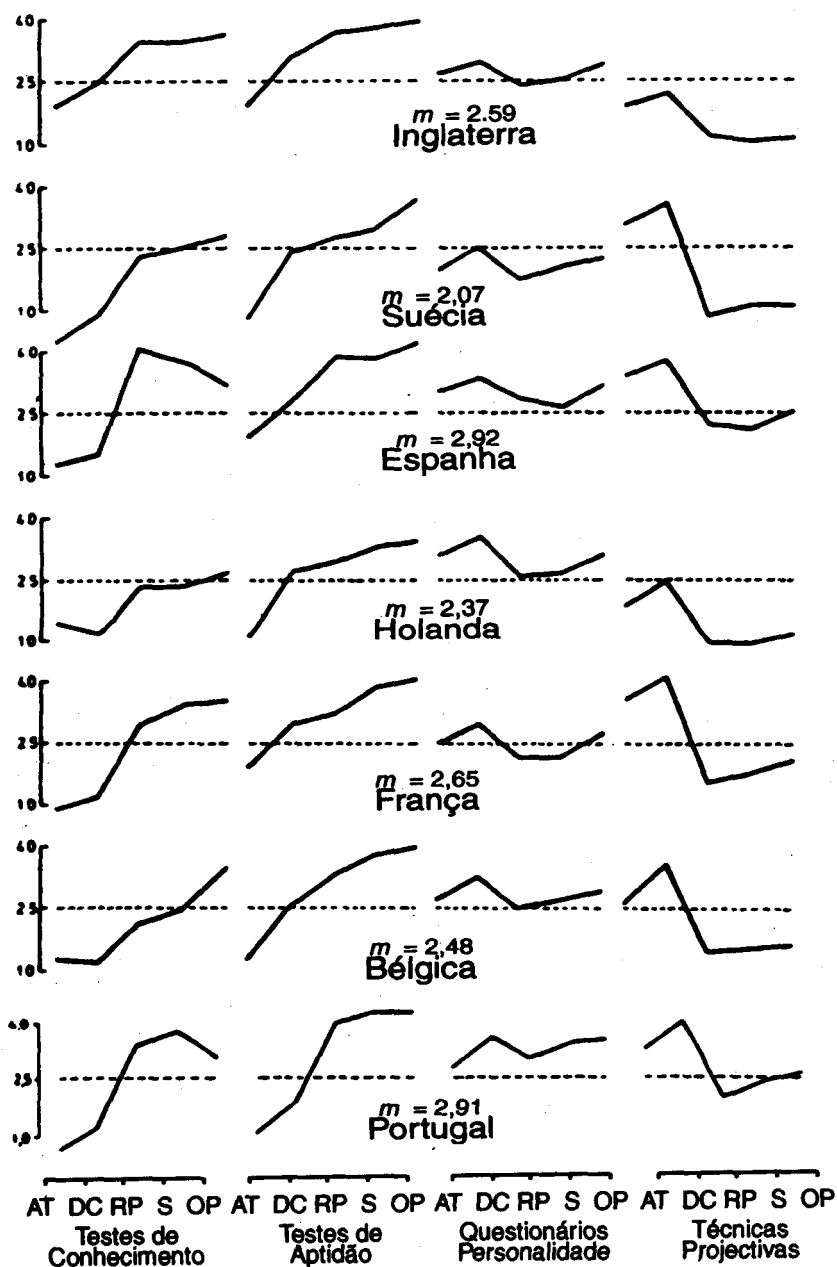
Da leitura do Quadro 5, conclui-se claramente que os psicólogos portugueses realizam pouco trabalho de investigação, o que, em particular na área dos testes, coloca a questão do rigor das suas intervenções.

QUADRO 4
Visão ideográfica versus nomotética

		P	B	F	NL	E	S	I
	Escala	120	270	166	321	52	240	1374
Controvérsia		m	3.2	2.9	3.2	3.1	3.3	2.4
Ideográfica/ /Nomotética	1-5	dp	.73	.44	1.10	.80	.77	.60
			1.07					

FIGURA 1

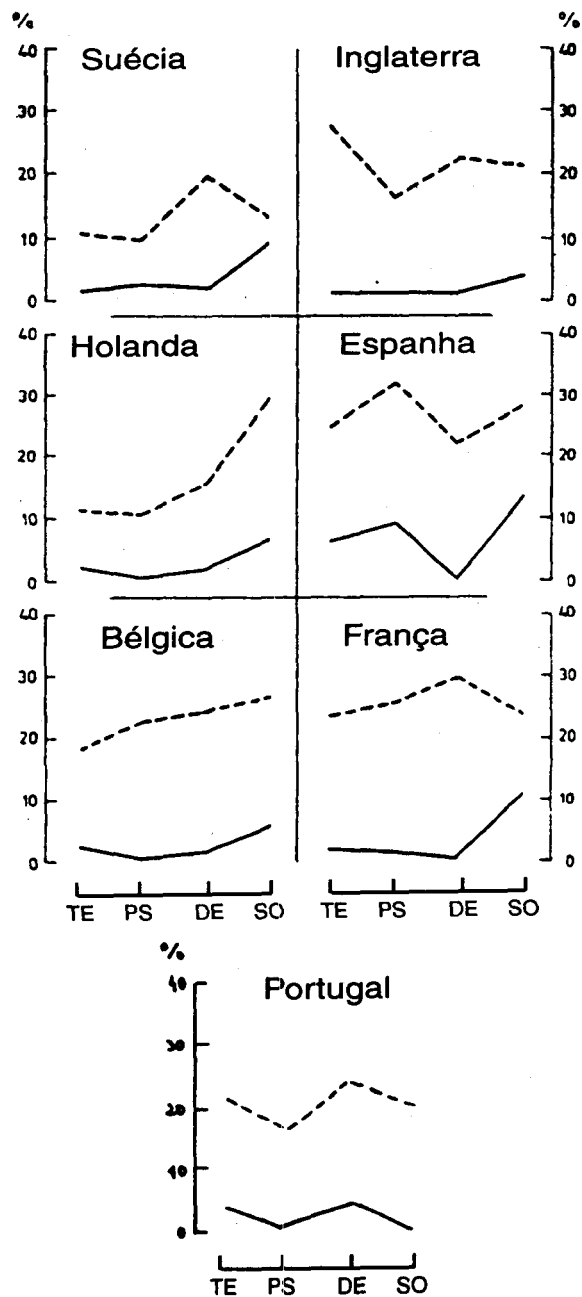
Médias de um item que procurou determinar em que medida os testes podem servir para obter informações úteis. Foram relacionados 4 tipos de testes com 5 tipos de situações numa escala de 6 pontos (0-5)



AT - Avaliação de Eficácia
 DC - Diagnóstico Clínico
 RP - Recolocação de Pessoal
 S - Selecção
 OP - Orientação Profissional

FIGURA 2

Percentagem de inquiridos com objecções fortes (—) e com objecções fracas (---) em relação à utilização de testes



TE - Objecções Teóricas
 PS - Objecções Psicométricas
 DE - Objecções Decisionais
 SO - Objecções Sociais e Éticas

QUADRO 5

Percentagem de tempo dispendido em investigação

— Trabalho aplicado que preenche mais de 90% do tempo	41%
— Trabalho aplicado que preenche mais de 60 a 90% do tempo	28%
— Trabalho aplicado que preenche mais de 40 a 90% do tempo	20%
— Trabalho aplicado que preenche mais de 10 a 40% do tempo	8%
— Trabalho aplicado que preenche mais de 10% do tempo	3%

8. TEMPO DE OCUPAÇÃO
COM APLICAÇÃO DE TESTES

Para se saber quanto tempo os inquiridos gastam a aplicar testes, foi apresentada uma escala de seis pontos, a que correspondem as alternativas expressas no Quadro 6.

QUADRO 6

Percentagem de tempo dispendido a aplicar testes

— Nenhum ou quase nenhum tempo	20%
— Cerca de 5% do tempo	26%
— De 5 a 25% do tempo	31%
— De 25 a 50% do tempo	20%
— De 50 a 75% do tempo	3%
— Mais de 75% do tempo	0%

Apenas 3% dos inquiridos dispendem mais de 50% do seu tempo de trabalho a aplicar testes. De notar ainda que 20% dos inquiridos não aplicam testes na sua actividade.

9. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Os resultados obtidos na amostra de inquiridos espelha a juventude da formação em Psicologia em Portugal — 30 anos de Ensino Superior — (Quadro 7).

10. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL
E APLICAÇÃO DE TESTES

Do Quadro 8 pode induzir-se uma ligeira

QUADRO 7

Anos de Experiência Profissional

— De 0 a 5 anos	22%
— De 6 a 10 anos	36%
— De 11 a 15 anos	19%
— De 16 a 20 anos	15%
— Mais de 20 anos	8%

tendência para a aplicação dos testes ser realizada pelos psicólogos mais jovens, no entanto a antiguidade na profissão não parece ser critério discriminativo do tempo de ocupação com testes.

11. ÁREA PROFISSIONAL E TEMPO
DISPENDIDO A APLICAR TESTES

O inquérito procurou determinar se o tempo dispendido na aplicação de testes varia com a área profissional do psicólogo (Quadro 9).

Em relação às Áreas Profissionais só foram considerados os inquiridos que escolheram uma categoria das oito apresentadas no questionário (não esquecer que era possível escolher mais do que uma, desde que essa área profissional representasse uma parte significativa do trabalho de cada inquirido).

Como se pode observar, são os psicólogos clínicos que mais tempo dedicam a aplicar testes.

12. A QUEM INFORMAR, REGULAMENTAÇÃO
E FUTURO DOS TESTES

O questionário procurava conhecer a opinião

QUADRO 8
Percentagem de tempo a aplicar testes

Experiência Prof.	Nenhum	5%	5-25%	25-50%	50-75%	+ de 75%	Total
0 - 5 anos	6	3	11	5	1	0	26
6 - 10 anos	7	14	12	8	2	0	43
11 - 15 anos	5	7	7	4	0	0	23
16 - 20 anos	4	5	4	5	0	0	18
+ de 20 anos	2	2	3	2	1	0	10
Total	24	31	37	24	4	0	120

QUADRO 9
Percentagem de tempo a aplicar testes

Área Profissional	Nenhum	5%	5-25%	25-50%	50-75%	+ de 75%	Total
Psicologia Clínica	5	2	13	7	2	0	29
Psico. Educacional	4	11	1	4	1	0	21
Psicologia Trabalho	1	3	5	3	0	0	12
Psico. Organizações	5	4	0	1	0	0	10
Psicologia Social	1	0	0	0	0	0	1
Outras	1	1	3	1	0	0	6
Total	17	21	22	16	3	0	79

dos psicólogos sobre: (a) Quem deve ter acesso à informação obtida através dos testes; (b) Necessidade de regulamentar a utilização dos testes; (c) Desejo pessoais em relação ao futuro dos testes.

Em Portugal, tal como na Bélgica, França, Espanha e Inglaterra, os psicólogos são maioritariamente de opinião que a decisão sobre quem deve ser informado dos resultados dos testes é da sua competência. Ao contrário, os psicólogos suecos e holandeses defendem como prioritário o informar sistematicamente o testado. A perspectiva de privilegiar a informação à pessoa ou instituição responsável pelo pedido é apoiada por uma percentagem muito reduzida de profissionais, sendo mesmo nula na Holanda e Suécia (Quadro 10).

Em relação à necessidade de regulamentação da utilização dos testes, a maioria (72%) dos psicólogos portugueses é de opinião que os testes devem ser regulamentados por normas éticas. Esta situação é comum a todos os países inquiridos, com excepção da França onde a maioria não sente necessidade de regulamentar a prática dos testes.

Sobre os desejos pessoais de verem aumentada ou diminuída a utilização dos testes, os inquiridos portugueses são os únicos dos países envolvidos a desejarem o aumento de aplicação dos testes.

Pelo contrário, os psicólogos espanhóis são os únicos a desejarem a diminuição da sua utilização, enquanto nos restantes países é desejada

QUADRO 10
Percentagens

n	P 118	B 265	F 257	NL 324	E 54	S 234	I 1275
— Informar o testado	24	31	25	57	16	62	21
— Informar o testado e respons. pelo pedido	13	18	15	24	20	19	22
— Decisão psicólogo	60	49	59	19	59	19	56
— Informar responsável pelo pedido	3	2	1	0	5	0	1
— Utilizar testes não regulamentados	14	45	52	10	21	18	28
— Utilizar regulamentos para Normas Éticas	72	49	45	75	66	71	69
— Utilizar regulamentos por Lei	14	6	3	15	13	11	3
— Abandono testes	1	3	6	2	0	3	1
— Utilização decresça	22	38	32	28	56	38	35
— Utilização mantenha	38	51	51	55	26	53	49
— Utilização aumente	39	8	12	15	18	6	15

a manutenção do actual nível de utilização.

13. RECUSA EM SE SUBMETER A TESTES

Inquiridos sobre a «percentagem de indivíduos que ao candidatar-se a um emprego se recusa a sumeter a testes com o objectivo de selecção», 49% dos psicólogos portugueses estimam uma percentagem inferior a 1% e 85% uma percentagem inferior a 5% dos potenciais candidatos (Quadro 11).

QUADRO 11

Percentagem de recusa aos testes

Menos de 1% dos potenciais candidatos	49%
De 1 a 5% dos potenciais candidatos	36%
De 5 a 10% dos potenciais candidatos	11%
De 10 a 25% dos potenciais candidatos	4%

14. TESTAGEM MÉDIA AO LONGO DA VIDA

O questionário solicitava aos psicólogos para estimarem o número de vezes a que um cidadão médio se submete à aplicação de testes ao longo da vida (Quadro 12).

QUADRO 12

Percentagens das estimativas do número de vezes que o cidadão comum é testado ao longo da vida

Menos de 1 vez	18%
De 1 a 2 vezes	36%
De 2 a 5 vezes	43%
De 5 a 10 vezes	3%
Mais de 10 vezes	0%

Das cinco alternativas expressas no Quadro

QUADRO 14

Duração nos estudos universitários — percentagens

	Não incluído	Menos de 1/2 Semestre	Pelo menos 1/2 Semestre
Teoria de Testes e/ou Técnicas Psicométricas	2	4	94
Aprendizagem da utilização e interpretação dos resultados	4	4	92
Prática de aplicação de Testes	7	19	74

QUADRO 15

Duração nos estudos pós-graduados — percentagens

	Não incluído	Menos de 1/2 Semestre	Pelo menos 1/2 Semestre
Teorias de Testes e/ou Técnicas Psicométricas	50	9	41
Aprendizagem da utilização e interpretação dos resultados	42	11	47
Prática de aplicação de Testes	47	6	47

12, mais de 75% das respostas caíram na segunda e terceira alternativas.

15. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO ÀS CRÍTICAS AOS TESTES

Só 5% da população inquirida acredita que as críticas dirigidas aos testes possa levar ao desaparecimento da sua utilização (Quadro 13).

16. APRENDIZAGEM DE TÉCNICAS PSICOMÉTRICAS

Para determinar a duração dos estudos universitários em temas que versam sobre testes, colocaram-se aos inquiridos as questões expressas nos Quadros 14 e 15, respectivamente para os níveis de licenciatura e pós-graduações.

Ao nível da Licenciatura, a maioria esmagadora dos psicólogos portugueses têm uma for-

QUADRO 13
Percentagens

As críticas em relação aos testes vão continuar a aumentar e gradualmente assistir-se-á ao seu desaparecimento enquanto processo diferenciador de indivíduos	5%
O Movimento Anti-teste é um fenómeno temporário que vai levar a transformações substanciais em relação aos tipos de testes aplicados e aos propósitos de utilização	64%
O uso dos testes irá aumentar	31%

mação, quer teórica, quer prática, superior a meio semestre escolar.

As mesmas questões foram apresentadas para psicólogos que tivessem frequentado cursos de pós-graduação. 36% dos inquiridos preenchem

este requisito, sendo os seus resultados apresentados no Quadro 15.

Como seria de esperar, a maior especialização dos cursos de pós-graduação implica uma redução das áreas temáticas a abordar e consequentemente um conjunto desses cursos não incluem módulos de psicometria.

17. CONCLUSÃO

As atitudes dos Psicólogos Portugueses em relação aos Testes não é significativamente diferente dos seus colegas europeus a quem foi colocado o mesmo questionário.

A maioria manifesta atitudes positivas em relação à sua aplicabilidade. Verifica-se mesmo uma ligeira maioria que deseja o incremento da utilização dos testes.

Como nos restantes países inquiridos, a utilidade dos diferentes tipos de testes é avaliada em função dos seus contextos de aplicação. Globalmente, observa-se uma clara dicotomia entre, por um lado, os testes de conhecimentos e os testes de aptidão, considerados úteis em situações não clínicas, e, por outro, as técnicas projectivas, consideradas úteis em situações clínicas mas não noutros contextos.

Os psicólogos portugueses mostram-se pouco apreensivos em relação às objecções aos testes. Apesar das objecções que lhes podem ser dirigidas, a maioria dos inquiridos defende que os testes visam apurar informações úteis.

Em Portugal, como nos restantes países (excepções: Holanda e Suécia), a maioria dos inquiridos é de opinião que compete ao psicólogo decidir sobre quem deve informar dos resultados dos testes.

Em contraste com os EUA mas em conformidade com os países europeus do estudo de Poortinga et al. (1982), os portugueses defendem a regulamentação da aplicação dos testes através de normas éticas e não por via legislativa.

Os psicólogos portugueses partilham com os seus colegas da CEE uma visão mais objectiva da avaliação psicológica que fenomenológica.

A avaliar pelos resultados obtidos no inquérito, em Portugal ocupa-se pouco tempo em trabalhos de investigação. No entanto, a percentagem do tempo de trabalho aplicado que o psicólogo dispensa a aplicar testes é relativamente

reduzida: 75% da amostra afirma dispender menos de 25% do seu tempo a fazê-lo.

Em termos de formação em Teoria e Prática de Testes, a maioria esmagadora dos psicólogos portugueses tiveram ao nível da licenciatura uma formação superior a meio semestre.

Através duma análise de variância, não incluída neste artigo, constatámos que as atitudes em relação aos testes não variam nem com a percentagem de tempo de ocupação a aplicar testes, nem com o ponto de vista mais fenomenológico ou mais objectivo defendido pelos inquiridos.

Em síntese, nada de essencial parece distinguir as atitudes em relação aos testes dos psicólogos portugueses dos seus colegas da Europa Ocidental.

BIBLIOGRAFIA

- Meuris, G. (1979). Les tests en orientation scolaire et professionnelle: résultats d'une enquête belge sur leur utilisation. *Bulletin de la Commission des Tests*, 12: 17-24.
- Poortinga, Y.H. (1979). Objections against the use of tests: the results of an international survey. *Newsletter of the International Test Commission*, 11: 3-12.
- Poortinga, Y.H., Coetsier, P., Meuris, G., Miller, K.M., Samsonowitz, V., Seisdodos, N. & Schlegel, J. (1982). A survey of attitudes towards tests among psychologists in six western European countries. *International Review of Applied Psychology*, 31(1): 7-34.
- Porteous, M.A. (1986). A survey of Irish psychologists attitudes towards tests. *International Review of Applied Psychology*, 35: 231-238.
- Wade, T.C. & Baker, T.B. (1977). Opinions and use of psychological tests: a survey of clinical psychologists. *American Psychol.*, 32: 874-882.
- Williams, E.B. (1979). There is a future for testing: An American perspective. *I.T.C. Newsletter*, 12: 3-11.

RESUMO

Este artigo apresenta as atitudes dos psicólogos portugueses em relação aos testes aplicados em vários contextos da sua actividade profissional.

O questionário, enviado a todos os profissionais

inscritos no Sindicato Nacional, foi elaborado por Y. Poortinga (1982) e a tradução realizada pelos autores. A escolha dum instrumento já utilizado noutros países possibilita, neste caso, a comparação das atitudes dos psicólogos portugueses com as dos seus colegas da Holanda, Inglaterra, Bélgica, Suécia, Espanha, Irlanda e França.

Tal como acontece com os seus colegas espanhóis, os psicólogos portugueses têm atitudes mais positivas em relação aos testes que os psicólogos dos outros países envolvidos no inquérito.

A generalidade dos resultados obtidos em Portugal mostram uma acentuada convergência de opiniões com os obtidos nos outros países europeus. No entanto, ao contrário dos seus colegas, grande número de psicólogos portugueses deseja um aumento da utilização dos testes.

ABSTRACT

This paper presents the attitude of Portuguese psychologists towards tests applied in different professional settings.

Poortinga questionnaire (1982) was used, translated by the authors which was mailed to all members of National Union of Psychologists.

The choice of this instrument allows the comparison between Portuguese psychologist's attitudes, and their colleagues from Belgium, Sweden, Netherlands, United Kingdom, Spain, Ireland and France.

The Portuguese, as well as Spanish psychologists, have a more positive attitude towards the tests than psychologists from the other countries surveyed.

General results in Portugal are quite similar to those found in other european countries.

Nevertheless, and in opposition to European colleagues, most of Portuguese psychologists hope for increase the use of tests.